**LITERATURA – LISTA PARA ESTUDOS**

1**.** (G1 - ifpe) **JOGOS FLORAIS**

I

Minha terra tem palmeiras

onde canta o tico-tico.

Enquanto isso o sabiá

vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil

ficou moderno o milagre:

a água já não vira vinho,

vira direto vinagre.

II

Minha terra tem Palmares

memória cala-te já.

Peço licença poética

Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores

dado o avançado da hora

errata e efeitos do vinho

o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses que se escreve paçarinho?)

CACASO, Antônio Carlos de Brito. *Grupo escolar*(1974). Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/03/20/cacaso-antonio-carlos-de-brito/>. Acesso em: 06 maio 2019.

Antônio Carlos de Brito ou, simplesmente, Cacaso, foi um poeta integrante da chamada Geração Mimeógrafo, grupo que produzia à margem do sistema editorial brasileiro, divulgando seus poemas de formas alternativas. Esse grupo publicou assiduamente na década de 1970 e, em muitos de seus poemas, posicionou-se contrário à censura imposta pelo governo militar. Levando em consideração essas informações, leia atentamente o poema “Jogos Florais” e avalie o que se afirma abaixo.

I. Nos versos “ficou moderno o milagre:/a água já não vira vinho,/vira direto vinagre.”, o texto bíblico é tomado como fonte no processo intertextual.

II. “Jogos Florais” apresenta uma paródia da “Canção do Exílio”, texto do Romantismo, século XIX, que fazia críticas ao governo imperialista no Brasil.

III. Em “Bem, meus prezados senhores/dado o avançado da hora/o poeta sai de fininho”, o eu-lírico interpela o interlocutor utilizando um tom coloquial.

IV. Nos versos que estão entre parênteses “será mesmo com 2 esses/que se escreve paçarinho?”, destaca-se a utilização da metalinguagem.

V. Em “Minha terra tem Palmares/memória cala-te já”, o eu-lírico utiliza verbo no imperativo (cala-te) para indicar, denotativamente, que a memória do quilombo dos Palmares seja esquecida.

Estão CORRETAS, apenas, as afirmativas

a) I, II e V.

b) II, IV e V.

c) I, III e IV.

d) II, III e IV.

e) I, III e V.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**Descrição de gravura**
Reinaldo Jardim

Eu vejo uma gravura, grande e rasa.
No primeiro plano, uma casa.
À direita da casa, outra casa.
À esquerda da casa, outra casa.
Lá no fundo da casa,outra casa.
Em frente da casa, uma vala:
Onde corre a lama, doutra casa.
E no chão da casa,outra vala
Onde corre o esgoto doutra casa.

Esta casa que eu vejo, não se casa
Com o que chamamos de uma casa.
Pois as paredes são esburacadas,
Onde passam aranhas e baratas.
E os telhados são folhas de zinco.
E podem cair a qualquer vento
E matar a mulher que mora dentro

E matar a criança, que está dentro
Da mulher que mora nessa casa.
Ou da mulher que mora noutra casa.
É preciso pintar outra gravura
Com casa de argamassa na paisagem
Crianças cantando a segurança da vida construída à sua imagem.

2**.** (G1 - cftrj) O poema de Reynaldo Jardim pode ser dividido em dois blocos temáticos, os quais estabelecem entre si a seguinte oposição:

a) casas miseráveis *versus* prédios de luxo.

b) presente real *versus* futuro imaginado.

c) países pobres *versus* países ricos.

d) violência urbana *versus* paz.

3**.** (G1 - cftrj) Embora a construção do texto seja predominantemente centrada na descrição realizada pelo eu lírico, observa- se, ainda que de forma indireta, a presença de um interlocutor. O verso que apresenta uma marca dessa interlocução é:

a) Pois as paredes são/esburacadas.

b) Crianças cantando/a segurança.

c) Ou da mulher que mora/noutra casa.

d) É preciso pintar/outra gravura.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**De um jogador brasileiro a um técnico espanhol**

*João Cabral de Melo Neto*

Não é a bola alguma carta

que se leva de casa em casa:

é antes telegrama que vai

de onde o atiram ao onde cai.

Parado, o brasileiro a faz

ir onde há-de, sem leva e traz;

com aritméticas de circo

ele a faz ir onde é preciso;

em telegrama, que é sem tempo

ele a faz ir ao mais extremo.

Não corre: ele sabe que a bola,

Telegrama, mais que corre voa.

(Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/futebol.html#jogador> Acesso em: 12 out. 2011.)

4**.** (G1 - ifpe) No que se refere às características do poema acima, analise os enunciados abaixo.

I. Estrutura-se em versos livres e brancos, sem métrica e sem rima, com linguagem conotativa.

II. Descreve a bola com base na metáfora da carta, comparando os dois termos implicitamente pela rapidez.

III. Possui sequências narrativas, marcada por verbos de ação, que relatam o percurso da bola.

IV. Apresenta linguagem conotativa, como mostra a hipérbole no verso final da sexta estrofe.

V. Possui predominantemente sequências descritivas, que retratam as características da bola de futebol.

Estão **corretas,** apenas:

a) I, II e V

b) II, IV e V

c) I e IV

d) II e III

e) III e IV

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

I. “A cada canto um grande conselheiro,

Que nos quer governar cabana e vinha;

Não sabem governar sua cozinha,

E podem governar o mundo inteiro.”

II. Há coisa como ver um Paiaiá

Mui prezado de ser Caramuru,

Descendente do sangue de tatu

Cujo torpe idioma e Cobepá”

III. “Rubi, concha de perlas peregrina,

Animado cristal, viva escarlata,

Duas safiras sobre lisa prata,

Ouro encrespado sobre prata fina.

Este o rostinho é de Caterina.”

IV. “Ardor em coração firme nascido!

Pranto por belos olhos derramado!

Incêndio em mares de água disfarçado!

Rio de neve em fogo convertido!”

5**.** (G1 - cftmg) Sobre essas passagens, e correto afirmar que

a) I e II empregam versos brancos.

b) I e III manifestam o cultismo típico do estilo barroco.

c) II e IV se caracterizam pelo emprego de paradoxos.

d) III e IV são exemplos da vertente lírica na poesia do autor.

6**.** (G1 - ifal) Assinale a única alternativa incorreta sobre o que se pode afirmar da leitura do poema de Mário Serenata.



a) Os dezoito segundos, descritos na terceira estrofe, sugerem o tempo total que o poema levou para ser construído, e essa é uma das relações estabelecidas com o título, que significa “*tempo medido”*.

b) A exaustão cantada na última estrofe corresponde não só ao fim do poema, como ao cansaço do próprio poeta, pois a construção de cada verso consome-lhe um segundo de êxtase e abstração.

c) A oração adjetiva “*que correm*”, na segunda estrofe, insinua-nos que o tempo passa muito rápido com relação à fluidez das ideias, que só acometem o poeta num estado de transe, de lentidão do pensamento.

d) A cronometragem e a repetição dos versos “*Um poema e seus [...] segundos*”, em cada uma das estrofes do poema, indica-nos que dar corpo à poesia é, para o poeta, algo difícil e inquietante.

e) As funções da linguagem que se destacam neste poema são a poética e a referencial, em que se podem perceber os sentimentos e as emoções do eu lírico.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo.



**Paraí-ba** (Céceu)

Pê - a - pá

Erre - a - ra – í

Bê - a – bá

Paraíba

Paraíba do norte, do caboclo forte

Do homem disposto esperando chover

Da gente que canta com água nos olhos

Chorando e sorrindo, querendo viver

Do sertão torrado, do gado magrinho

Do açude sequinho, do céu tão azul

Do velho sentado num banquinho velho

Comendo com gosto um prato de angu

Acende o cachimbo, dá uma tragada

Não sabe de nada da vida do sul

Pê - a – pá

Erre - a - ra – í

Bê - a – bá

Paraíba

Paraíba do norte que tem seu progresso

Que manda sucesso pra todo país

Que sente a presença da mãe natureza

Que vê a riqueza nascer da raiz

Que acredita em Deus, também no pecado

Que faz do roçado a sua oração

E ainda confia no seu semelhante

E vai sempre avante em busca do pão

O pão que é nosso, que garante a vida

Terrinha querida do meu coração

Pê - a – pá

Erre - a - ra – í

Bê - a - bá

Paraíba

(Em: Ramalho, Zé. *Duetos*. BMG. São Paulo, 2004. CD-ROM.)

7**.** (G1 - ifal) Os quatro primeiros e os quatro últimos versos do texto *Paraí-ba, de Céceu: “Pê - a - pá / Erre - a - Ra - í / Bê – a - Bá / Paraíba*”, são exemplos

a) da divisão silábica gramatical da palavra Paraíba.

b) do sotaque paraibano representado nos versos.

c) da oralidade representada na escrita do texto.

d) da linguagem errada do caboclo.

e) do regionalismo paraibano.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**A melhor e a pior comida do mundo**

Há mais de dois mil anos, um rico mercador grego tinha um escravo chamado Esopo. Um escravo corcunda, feio, mas de sabedoria única no mundo. Certa vez, para provar as qualidades de seu escravo, o mercador ordenou:

— Toma, Esopo, aqui está esta sacola de moedas. Corre ao mercado, compra lá o que houver de melhor para um banquete. A melhor comida do mundo!

Pouco tempo depois, Esopo voltou do mercado e colocou sobre a mesa um prato coberto por fino pano de linho. O mercador levantou o paninho e ficou surpreso.

— Ah, língua? Nada como a boa língua que os pastores gregos sabem tão bem preparar. Mas por que escolheste exatamente a língua como a melhor comida do mundo?

1O escravo, cabisbaixo, explicou sua escolha:

— 3O que há de melhor do que a língua, senhor? A língua é que une a todos, quando falamos. Sem a língua não poderíamos nos entender. 4A língua é a chave das Ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua é que se constroem as cidades, graças à língua podemos dizer o nosso amor. A língua é o órgão do carinho, da ternura, da compreensão. É a língua que torna eternos os versos dos grandes poetas, as ideias dos grandes escritores. 5Com a língua se ensina, se persuade, se instrui, se reza, se explica, se canta, se elogia, se demonstra, se afirma. Com a língua, dizemos “sim”. Com a língua dizemos “eu te amo”! O que pode haver de melhor do que a língua, senhor?

6O mercador levantou-se entusiasmado:

— Muito bem, Esopo! Realmente tu me trouxeste o que há de melhor. Com esta outra sacola de moedas, vai de novo ao mercado 7e traze o que houver de pior, pois quero ver a tua sabedoria.

Mais uma vez, tempos depois, Esopo voltou do mercado trazendo um prato coberto por um pano. O mercador recebeu-o com um sorriso.

— Hum... já sei o que há de melhor. Vejamos agora o que há de pior.

O mercador descobriu o prato e ficou indignado:

— O quê?! Língua? Língua outra vez? Língua? Não disseste que a língua era o que havia de melhor? Queres ser açoitado?

2Esopo encarou o mercador e respondeu:

— A língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos os processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que divide os povos. É a língua que usam os maus políticos quando querem enganar com suas falsas promessas. É a língua que usam os vigaristas quando querem trapacear. A língua é o órgão da mentira, da discórdia, dos desentendimentos, das guerras, da exploração. É a língua que mente, que esconde, que engana, que explora, que blasfema, que vende, que seduz, que corrompe. Com a língua dizemos “não”. Com a língua dizemos “eu te odeio”! Aí está, senhor, porque a língua é a pior e a melhor de todas as coisas!

(http://www.bibliotecapedrobandeira.com.br/pdfs/contos/a\_melhor\_e\_a\_pior\_comida\_do\_mundo.pdf Acesso em: 05.08.2011. Adaptado)

8**.** (G1 - cps) Pela leitura da narrativa, pode-se afirmar que o texto apresenta função

a) referencial, pois o texto pretende, prioritariamente, informar sobre as relações sociais praticadas na Grécia Antiga.

b) apelativa, pois o texto critica, entrelinhas, a relação autoritária e de opressão vivenciada entre senhores e escravos.

c) metalinguística, pois as considerações de Esopo sobre as palavras nos levam a refletir sobre o poder da linguagem.

d) fática, pois o escravo, para explicar o seu ponto de vista, enumera vários exemplos de como podemos nos servir da linguagem.

e) poética, pois o mercador emprega uma linguagem correta e elaborada que comprova sua superioridade em relação ao escravo Esopo.

9**.** (Unifor - Medicina) Leia o seguinte trecho.

“… era um refinado mentiroso, pronto a enganar qualquer um com a sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traiçoeira, pérfida, aleivosa, desleal e outras lindezas semelhantes.”

SARAMAGO, J. Caim. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2017.

Nesse trecho, o autor explica ao leitor a palavra por ele utilizada. Essa função da linguagem é conhecida como

a) referencial

b) fática

c) emotiva

d) poética

e) metalinguística

10**.** (Esa) Observe a tira do Calvin a seguir.



A função da linguagem predominante na fala de Calvin, por testar o canal de contato com outra pessoa, é a:

a) conativa (apelativa).

b) metalinguística.

c) poética.

d) denotativa.

e) fática.

11**.** (Enem) **Estojo escolar**

Rio de Janeiro – Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

[...] Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto.

[...] De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[...] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. [...]

O notebook que agora abro é negro e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, a aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009 (adaptado).

No texto, há marcas da função da linguagem que nele predomina. Essas marcas são responsáveis por colocar em foco o(a)

a) mensagem, elevando-a à categoria de objeto estético do mundo das artes.

b) código, transformando a linguagem utilizada no texto na própria temática abordada.

c) contexto, fazendo das informações presentes no texto seu aspecto essencial.

d) enunciador, buscando expressar sua atitude em relação ao conteúdo do enunciado.

e) interlocutor, considerando-o responsável pelo direciona mento dado à narrativa pelo enunciador.

12**.** (Enem) *Vou-me embora p’ra Pasárgada* foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L’invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p’ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências’, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. *Itinerário da Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é

a) emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.

b) referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de Bandeira.

c) metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.

d) poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de Bandeira.

e) apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.

13**.** (G1 - cftrj) Leia os textos com atenção e, em seguida, responda à questão a seguir.

**O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo**

*Eu sim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.*

Eliane Brum

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O Crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobrevivem à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

 Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

 O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No fora do tempo.

 O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. 1O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegaram caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

 Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

 O Museu Nacional queimando.

 O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

 Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu Avô, Dom Pedro VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte da esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

 Nunca salvaram. Há 500 anos não salvaram.

 As costas de Pedro ferviam.

 Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com estivesse queimando também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. “A realidade é 2*Science Fiction*.”

 Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora, Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

 A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

 “O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

 3A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

 O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incendiaram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

 O Museu Nacional sem recursos do Governo Federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

 Ouço então o chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

 Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

 O Brasil está queimando.

E o meteoro estava dentro do museu.

(*El País Brasil*: O Jornal Global. Opinião. 3 de setembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822\_774583.html. Acesso em 14 de setembro de 2018.)

**Nota:**

2Ficção Científica.

**Pequena memória para um tempo sem memória**

**(A legião dos esquecidos)**

Gonzaguinha

Memória de um tempo onde lutar

Por seu direito

É um defeito que mata

São tantas lutas inglórias

São histórias que a história

Qualquer dia contará

De obscuros personagens

As passagens, as coragens

São sementes espalhadas nesse chão

De Juvenais e de Raimundos

Tantos Júlios de Santana

Uma crença num enorme coração

Dos humilhados e ofendidos

Explorados e oprimidos

Que tentaram encontrar a solução

São cruzes sem nomes, sem corpos, sem datas

Memória de um tempo onde lutar por seu direito

É um defeito que mata

E tantos são os homens por debaixo das manchetes

São braços esquecidos que fizeram os heróis

São forças, são suores que levantam as vedetes

Do teatro de revistas, que é o país de todos nós

São vozes que negaram liberdade concedida

Pois ela é bem mais sangue

Ela é bem mais vida

São vidas que alimentam nosso fogo da esperança

O grito da batalha

Quem espera nunca alcança

Ê ê, quando o Sol nascer

É que eu quero ver quem se lembrará

Ê ê, quando amanhecer

É que eu quero ver quem recordará

Ê ê, não quero esquecer

Essa legião que se entregou por um novo dia

Ê eu quero é cantar essa mão tão calejada

Que nos deu tanta alegria

E vamos à luta.

(Luiz Gonzaga e Gonzaguinha. *A vida do viajante*. Faixa 4. EMI-Odeon, 1981.)

Nos textos acima, é possível criar maior envolvimento entre o leitor e o texto por meio do emprego de recursos expressivos. A alternativa que traz uma declaração válida sobre o uso desses recursos é:

a) “O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando.” (*O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo*, referência 1) – A repetição estaca a monotonia da cena descrita.

b) “A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?” (*O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo*, referência 3) – A metáfora enfatiza o profundo sofrimento da autora ao presenciar o incêndio do museu.

c) “E tantos são os homens por debaixo das manchetes / São braços esquecidos que fizeram os heróis” (*Pequena memória para um tempo sem memória*, versos 19 e 20) – A metonímia põe em evidência a falta de atitude dos oprimidos.

d) “São vidas que alimentam nosso fogo da esperança / O grito da batalha / Quem espera nunca alcança” (*Pequena memória para um tempo sem memória*, versos 26 a 28) – A intertextualidade reforça o sentido de um ditado popular.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Uma noite real no Museu Nacional**

Gira coroa da majestade

samba de verdade, identidade cultural

Imperatriz é o relicário

no bicentenário do Museu Nacional

Onde a musa inspira a poesia

a cultura irradia o cantar da Imperatriz

é um palácio, emoldura a beleza

abrigou a realeza, patrimônio é raiz

que germinou e floresceu lá na colina

a obra-prima viu o meu Brasil nascer

no anoitecer dizem que tudo ganha vida

paisagem colorida deslumbrante de viver

bailam meteoros e planetas

dinossauros, borboletas

brilham os cristais

o canto da cigarra em sinfonia

relembrou aqueles dias que não voltarão jamais

À luz dourada do amanhecer

as princesas deixam o jardim

os portões se abrem pro lazer

pipas ganham ares

encontros populares

decretam que a Quinta é pra você

Samba de enredo da escola de samba Imperatriz Leopoldinense em 2018

Compositores: Jorge Arthur, Maninho do Ponto, Julinho Maestro, Marcio Pessi, Piu das Casinhas

14**.** (G1 - cp2) O título do texto, “Uma noite real no Museu Nacional”, apresenta uma série de recursos linguísticos e textuais frequentes em textos literários, como a rima, a intertextualidade e a ambiguidade.

Considerando os versos do texto, o termo do título que foi empregado com sentido ambíguo é

a) “noite”.

b) “real”.

c) “Museu”.

d) “Nacional”.

15**.** (G1 - ifpe)



As campanhas, de modo geral, sejam elas institucionais ou comerciais, buscam a adesão do interlocutor. Na figura acima, o principal recurso para atingir esse objetivo é

a) a relação temporal introduzida pela oposição entre os advérbios “hoje” e “amanhã”.

b) o emprego de verbos no imperativo e do pronome de tratamento “você”.

c) a analogia entre as pessoas do discurso “ela” e “eu” e a imagem de duas mulheres centralizada no texto.

d) a orientação sobre a idade das meninas que devem ser vacinadas.

e) a utilização de balões de fala, como recurso de intertextualidade com uma história em quadrinhos.

**Gabarito:**

**Resposta da questão 1:** [C]

[II] Incorreta: “Jogos Florais” de fato apresenta uma paródia da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, escritor romântico, mas não há tom de crítica ao governo imperialista no Brasil. Na verdade, a canção buscava apenas exaltar o Brasil.

[V] Incorreta: ao valer-se desse verbo, o eu lírico traz a ideia de que existe uma tentativa de forçar o esquecimento do quilombo dos Palmares, ou seja, há uma crítica à tentativa de calar essa memória.

**Resposta da questão 2:** [B]

É correta a alternativa [B], pois os dois últimos versos do poema (“Com casa de argamassa na paisagem /Crianças cantando a segurança da vida construída à sua imagem”) estabelecem oposição entre o presente e o futuro, imaginado e desejado pelo eu lírico.

**Resposta da questão 3:** [D]

É correta a alternativa [D], pois, ao afirmar que “É preciso pintar/outra gravura”, o eu lírico expressa a necessidade de intervir nesse processo de degradação habitacional, dirigindo-se de forma indireta ao próprio leitor.

**Resposta da questão 4:** [E]

As proposições I, II e V apresentam as seguintes incorreções:

I. o poema “De um jogador brasileiro a um técnico espanhol” é constituído de versos predominantemente octossílabos, com métrica regular (predominantemente octossílabos), alguns com rima toante (carta/casa, circo/preciso, tempo/extremo, bola/voa) e outros com rima consoante (vai/cai, faz/traz);

II. a descrição da bola baseia-se na metáfora do telegrama (“Não é a bola alguma carta/que se leva de casa em casa:/é antes telegrama que vai/de onde o atiram ao onde cai”);

V. além de descrições, o texto apresenta também sequências narrativas com verbos de ação que relatam o percurso da bola (“vai”, “cai”, “corre”, “voa”).

**Resposta da questão 5:** [D]

As estrofes III e IV fazem parte da vertente lírica da poesia de Gregório de Matos. A linguagem rebuscada e carregada de antíteses assinala a presença do estilo barroco, ao mesmo tempo que a temática do amor elevado e a postura platônica revelam influências do movimento anterior, o Classicismo.

**Resposta da questão 6:** [E]

A função referencial é caracterizada pelo foco na informação e, portanto, no objetivismo. Não há, portanto, muito espaço para emoções e sentimentos daquele que fala. Assim, é incorreto dizer que no poema há destaque da função referencial associando isto a uma exposição de sentimentos e emoções.

**Resposta da questão 7:** [C]

Os quatro primeiros e os quatro últimos versos do texto reproduzem os fonemas que constituem a palavra “Paraíba”, em consonância com a linguagem oral usada no poema, como se afirma em [C].

**Resposta da questão 8:** [C]

É correta a opção [C], pois a metalinguagem consiste no ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre a própria linguagem.

**Resposta da questão 9:** [E]

As opções [A], [B], [C] e [D] não apresentam funções de linguagem presentes no discurso do autor ao explicar o significado da palavra bífida, pois

[A] a função referencial está centrada na necessidade de transmitir ao interlocutor dados da realidade de uma maneira direta e objetiva, afastando a intenção literária.

[B] A função fática é responsável por checar o funcionamento adequado do canal de comunicação.

[C] A emotiva caracteriza-se pela transmissão de emoções e sentimentos.

[D] A função poética apresenta preocupação estética, uso de figuras de linguagem e texto criativo e inusitado.

Assim, como o autor utiliza o código para explicar o próprio código, é correta a opção [E].

**Resposta da questão 10:** [E]

A função fática é aquela marcada por um teste do canal de comunicação, sem se preocupar ainda com as informações transmitidas. Assim, Calvin, ao testar a linha telefônica verificando se é possível estabelecer uma comunicação, vale-se da função fática da linguagem.

**Resposta da questão 11:** [D]

No texto, predominam marcas da função emotiva da linguagem, função que se estabelece na subjetividade com que a mensagem que é transmitida pelo emissor, através da enunciação de suas emoções e sentimentos. No caso da crônica de Carlos Heitor Cony, o relato da diferença de emoções experimentadas no presente, quando adquire um computador, e as vividas na sua infância, quando se extasiou com o seu primeiro estojo escolar. Assim, é correta a opção [D].

**Resposta da questão 12:** [C]

É correta a opção [C], pois, ao relatar o processo que deu origem ao poema “Itinerário de Pasárgada”, Manuel Bandeira tece comentários sobre o fazer poético, instaurando a função metalinguística da linguagem no texto.

**Resposta da questão 13:** [B]

Em [B], vemos que a metáfora de que o corpo da autora é formado por corredores vazios em que reverbera a frase enfatiza o seu sofrimento, já que coloca seu corpo como um local do vazio, como se se sentisse incompleta depois do incêndio.

**Resposta da questão 14:** [B]

A palavra “real” pode ser compreendida tanto no sentido de verdadeiro, pertencente à realidade, quanto no sentido de pertencente à realeza, sendo, portanto, ambígua.

**Resposta da questão 15:** [B]

As campanhas buscam convencer os interlocutores de algo. Assim, é comum a utilização de verbos no modo imperativo (modo da ordem, do conselho) e a identificação direta com o interlocutor por meio de pronomes (como o “você”). Em “proteja o futuro de quem você mais ama” vemos o uso do imperativo em “proteja” e também do pronome “você”.